



ANCESTRALIDADE: DIÁLOGOS E ENTRECruzAMETOS DA COSMOPERCEÇÃO AFRICANA E A EXPRESSÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA CAXAMBU

Jacyara Conceição Rosa Mardgan

jmardgan@gmail.com

Giovane do Nascimento

giovanedonascimento@gmail.com

Resumo - O artigo que se apresenta, é parte dos estudos fundantes da pesquisa de tese em andamento, a qual aborda a expressão cultural afro-brasileira caxambu, enquanto estratégia de ação decolonial para uma educação antirracista. Neste recorte, busca-se debruçar sobre o rito performático do caxambu e sua dinâmica relação entre os movimentos dos corpos presentes na dança de roda, as batidas dos tambores e a atmosfera envolta da palavra cantada durante o rito, a fim de descortinar os traços de espiritualidade, ancestralidade e filosofia em África presentes no rito. Sob a ótica de tais elementos, presentes na cosmopercepção em África, e a partir de estudos teóricos o artigo mergulha na cosmologia e nos ensinamentos do homem em África, os quais orientam sua relação com o mundo através da força vital e de energias místicas que se despontam na compreensão de um microcosmo corporificado, corpo esse concebido como território de entrecruzamento de elementos físicos e míticos que mostra por inteiro. Um corpo que dança, que agita, que afeta e é afetado, um corpo que é outro. Marcas de uma concepção de mundo presente em África, a

qual privilegia outros sentidos para além da visão, na diáspora negra na travessia do Atlântico, foram preservadas e ressignificadas compondo a cultura afro-brasileira e podem ser percebidas e experienciadas na prática do caxambu. Assim, ao abordar a expressão cultural caxambu e sua ancestralidade, a partir do pensamento filosófico em África, o trabalho abre um importante espaço de reflexão crítica sobre a hegemonia do pensamento racional, imposta pelo sistema mundo moderno, o qual relegou ao corpo o estado degenerado da natureza e instituiu à mente, o estado racional de superioridade. Tais reflexões se fazem ferramentas e mecanismos de enfrentamento nos discursos contra o preconceito e o racismo estrutural no Brasil, legitimando o desvelar do corpo e de novos-velhos caminhos e novas-velhas formas de estar e habitar em um mundo antirracista.

Palavras-chave: Caxambu, Ancestralidade, Cosmopercepção Africana.

Abstract - This article is part of the fundamental studies of the ongoing thesis research, which addresses the Afro-Brazilian cultural expression Caxambu, as a strategy of decolonial action for an anti-racist education. In this article, we will highlight the performative rite of Caxambu and the dynamic relationship between the body movements present in this circular dance, the beating of the drums and the ritualistic atmosphere around the sung words, in order to unveil the traces of spirituality, ancestry and African philosophy present in the rite. From these elements of the African cosmoperception, based on theoretical studies, the article guided by cosmologies and teachings of the African man, who has his relationship with the world through vital force and mystical energies that arise in the understanding of an embodied microcosm, a body conceived as a territory of intersection of physical and mythical elements, shows itself fully. A body that dances, that agitates, that affects and is affected, a body that is other. Marks of a conception of the world present in Africa, which privileges other senses besides sight, in the black diaspora with the Atlantic crossing, were preserved and resinified to compose the Afro-Brazilian culture and can be perceived and experienced in the practice of Caxambu. Thus, by dealing with the cultural expression of Caxambu and its ancestry, from the African philosophical thought, the research opens an important space for critical reflection on the hegemony of rational thought, imposed by the modern world system, which relegated to the body the degenerate state of nature and instituted for the mind, the rational state of superiority. Such reflections become instruments and mechanisms of confrontation in the discourses against prejudice and structural racism in Brazil, legitimating the revelation of the body and of new and old ways of being and living in an anti-racist world.

Keywords: Caxambu, Ancestry, African Cosmoperception

Introdução

Este artigo pretende refletir sobre a práxis da expressão cultural caxambu, Patrimônio Imaterial de origem afro-brasileira, em seu diálogo com os elementos constitutivos de uma cosmopercepção advinda da herança dos povos africanos em diáspora no Brasil. Herança esta, que se traduz em uma visão de mundo diaspórica, forjada sobre o berço da sabedoria ancestral de um corpo preto e seus atravessamentos frente aos ambientes de conflitos, disputas e escárnios vividos pelo colonialismo brasileiro.

Constituída da ligação cultural entre dois continentes e presente nos diálogos familiares, nos festejos, na manipulação de temperos e alimentos, nos cultos religiosos dos terreiros de candomblé e centros de umbanda, no conhecimento medicinal, nos jogos, na música e na dança, nos modos de ser e agir, a cultura afro-brasileira se firma como estratégia social, cultural, política e de luta de milhões de vozes pretas que compõem a nação brasileira.

Assim, abordar as experiências culturais afro-brasileiras, tal qual o recorte apresentado nesta pesquisa através do olhar sobre o rito performático do caxambu, para além de uma estratégia de valorização cultural, se constitui ação prática e luta política para pensar os desafios enfrentados diariamente pelo povo preto no Brasil e as interseccionalidades que compõem o tema nas questões sociais, de cor, raça, gênero.

Pensar o caxambu e seu papel no contexto da cultura brasileira é reafirmar a responsabilidade de mobilização sociocultural para a mitigação e combate ao racismo estrutural no país.

Apresentando o Caxambu

A expressão cultural afro-brasileira caxambu¹ encarna-se, a partir das memórias do povo preto escravizado no Brasil, sobretudo dos povos bantus sequestrados em

¹ Variações de terminologia são encontradas nas pesquisas que abordam a dança de origem afro-brasileira. Observa-se que de acordo com a região as nomenclaturas se alteram em variações como jongo, tambu, caxambu, tambor e batuque, assim como são utilizadas para enfatizar a diferença entre o “jongo” (ponto cantado) e o “caxambu” (dança e nome do tambor grande tocado na roda de jongo). Para efeito de identificação com a pesquisa de doutoramento o artigo priorizará o termo caxambu, terminologia que marca a ação da dança na região sul do estado do Espírito Santo.

África, e das relações sociais vividas nas senzalas e terreiros das fazendas cafeeiras da região sudeste do país. Sua dinâmica performática compreende a inter-relação entre dança circular, o som ritmado dos tambores e a palavra lançada de improviso.² Com denominações que variam conforme a região de incidência³, o caxambu, também reconhecido como jongo, tambu, tambor e batuque, se espalhou pelo Brasil e constituiu em seu rito marcas singulares do patrimônio cultural negro, apresentando pequenas variações em sua dinâmica organizacional. Tais variações podem ser percebidas na disposição dos brincantes e dos instrumentos na roda, no quantitativo e tamanho dos instrumentos, nos movimentos de dança e volteios praticados pelos brincantes.

Entretanto, em todas as versões da tradição caxambuzeira verifica-se o protagonismo de três elementos principais: o uso do tambor como chamador da ancestralidade, a palavra cantada que repercute sabedoria e tradição e a marca da circularidade presente na composição dos brincantes. Assim, podemos dizer que a roda, o tambor e a palavra cantada são os elementos definidores e característicos do caxambu, compondo a tríade de poder e tradição ancestral.

Falando de dentro da Roda

O tambor

Na tríade de poder e tradição ancestral caxambuzeira, o instrumento de percussão membranofones⁴ - tambor, assume um papel de destaque dentro da grande roda. Em sua dinâmica de apresentação, mais do que instrumentos de percussão, os tambores são consagrados, reverenciados como elementos simbólico representativos das entidades ancestrais, pontes “entre mundos”, ferramentas de ligação do presente e

²ABREU, Martha e XAVIER, Giovana org. Cultura negra vol. 1 : festas, carnavais e patrimônios negros – Niterói : Eduff, 2018. - 428 p.

³ STEIN, Stanley. Vassouras: um município brasileiro do café (1850-1900). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990; LARA, Sílvia H.; PACHECO, Gustavo (Org.). Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein (Vassouras, 1949). Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007.

⁴ São instrumentos de percussão que produzem som através da vibração de membranas distendidas. O elemento vibratório que emite som resulta de uma membrana, ou de uma pele esticada. Estes em geral possuem seu corpo em formato de caixas, circulares ou quadriláteras e podem ser cobertos por peles em ambos os lados.

do passado⁵. Através das memórias reativadas pelo chamado vibratório e inebriante dos tambores, o mestre caxambuzeiro pede bênçãos aos ancestrais, reverencia os mais velhos e dá passagem para o caxambu ser tocado.

Os tambores sempre estiveram presentes em momentos festivos e religiosos na cultura afro-brasileira, podendo ser encontrados em tradições como o Batuque, Congada, Capoeira, Carimbó, Samba, o Bumba meu boi, Lundu, Maracatu, Tambor de Crioula, Tambor de Mina, Candomblé e Umbanda. Muito mais que um instrumento rítmico, os tambores assumem um papel aglutinador em todas as práticas culturais e religiosas em que se apresenta.

Os tambores tradicionais do caxambu são constituídos de fabricação artesanal e trazem consigo histórias de uma sabedoria ancestral, desde a escolha e retirada do tronco oco da mata virgem, até sua feitura com o couro animal. Para a afinação dos tambores a pele é distendida pelo calor, sendo colocados próximo a fogueiras. Durante o processo de afinamento, a pele do tambor é umedecida com cachaça, até que o timbre do instrumento alcance a altura desejada pelo tocador.

Distribuídos na roda em número de dois ou três, cada tambor é identificado por um nome e exerce uma função específica. O angona⁶, também conhecido como caxambu ou tambu, caracteriza-se pelo instrumento de maior tamanho e emite um som grave. O candongueiro, instrumento de menor tamanho, emite um som agudo que tem a função de responder ao toque do angona. Já o terceiro tambor surge como uma variação nas rodas de caxambu, recebem o nome de chamador⁷.

Tal qual entidades materializadas, os tambores seguem protagonistas no ritual do caxambu, podendo ser posicionados no centro da roda ou enfileirados em frente a mesma. Para serem manuseados, os tambores assumem três posições: deitados ao chão, estes são acavalados pelo tocador; posicionados de pé ou em ângulo 75 graus, os tambores são atados pela cintura do tocador ou presos entre suas pernas; e na posição vertical, o tocador posiciona-se de pé ou sentado levemente curvado para

⁵ MARDGAN, Jacyara C.R. Caxambu do Horizonte a Andorinha : memória e pertencimento da cultura negra. Orientadora Aissa Afonso Guimarães. 2017. 280f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Arte), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

⁶ Observa-se uma variação do termo entre angona e angoma

⁷ Observa-se que o uso de três tambores na roda de caxambu não é uma regra.

golpea-lo. Independente do posicionamento dos tambores, todos juntos, firmam o toque do jongo e marcam o ritmo da dança.

Hoje verifica-se a incidência do uso de instrumentos industriais e de outros grupos sonoros como o grupo dos instrumentos de corda e sopro, que ganham espaço no rito do caxambu agregando ainda mais sonoridade à roda.

O Poder da palavra cantada

Os pontos ou jongos⁸, correspondem às palavras tiradas de improviso pelos mestres jongueiros cantadores, as quais são lançadas no centro das rodas de caxambu para serem entoadas e repetidas em uníssono pelo coro dos brincantes que compõem a roda. Estes possuem uma dinâmica hierárquica e são entoados pelos sábios mestres caxambuzeiros, ou por cantadores sob a liderança dos mais velhos.

Formados de estrofes em versos curtos, carregados de enigmas, simbolismos, metáforas e elementos identitários da cultura afro-brasileira, os pontos apresentam um vocabulário próprio ativado das memórias e narrativas do povo preto e ao longo da história do caxambu vem cumprindo um importante papel de ensinamento, coragem e fortalecimento. Através das vozes dos cantadores buscam se harmonizar com as batidas dos tambores, onde na linguagem caxambuzeira se diz do “Ponto firmado”, ou seja, que a sincronia entre a voz do jongueiro e as batidas dos tambores fizeram-se perfeita.

Desde o desembarque dos africanos escravizados no Brasil, as palavras foram lançadas por eles como um chamamento, um clamor. sem direito ao próprio corpo, suas canções de trabalho e desafios em meio a diversão de uma roda festiva, autorizada pelos donos das fazendas cafeeiras, as palavras cantadas em pontos cifrados cumpriam o papel de articulação e mantinham uma rede de comunicação entre o povo de diferentes localidades.

⁸ O termo jongo foi identificado pelo IPHAN como a nomenclatura que constitui todo o ritual da tradição, constituído da soma dos pontos, da dança e dos tambores, na tradição caxambuzeira localizada no sul do Espírito Santo, identifica-se o uso do termo para nomear o jogo de palavras cantadas, geralmente em estrofes de quatro a seis versos, mas pode sofrer variações de acordo com a região, podendo ser encontrado os termos, jongo, ponto, canto, verso, etc. Nos grupos pesquisados identificamos os termos jongo e ponto, como os mais usados, com pouquíssimas variações entre os caxambuzeiros. Assim, por objetivar uma maior aproximação com os grupos adotaremos o termo ponto, para nos referir aos jongs cantados pelos grupos e o termo jongueiro para referir aos cantadores.

Expondo as vivências do dia-a-dia, a palavra cantada em forma de ponto se faz marca no caxambu e representa para a comunidade sua voz, seu espaço de grito onde firma, através de repertório repleto causas, labutas, crenças e saudades, sua ligação com a ancestralidade e reverência os tambores, os santos padroeiros, os pretos velhos protetores da roda, os ancestrais, a natureza e tudo que nela existe.

A circularidade da roda

Marcado pela herança africana, a circularidade das rodas de caxambu constituem em seu sentido performático e democrático, o elemento fundante da reciprocidade e potencialização da comunidade. A partir da mística ativada pelas memórias dos brincantes que vivenciam o caxambu, a dança se firma.

O corpo dançante dos brincantes, no rito da expressão cultural do caxambu, se organiza no espaço e compõe a grande e roda. No ressoar dos tambores este corpo, ora inerte, faz nascer de dentro para fora um movimento de dança individual e coletivo, que se comunica com o espaço através da música, das palmas e dos pontos jogados na roda.

Neste sentido, em sua ação performática o corpo assume um importante papel na expressão cultural do caxambu, no qual embalado pelo transe percussivo das batidas dos tambores, este se faz centro e se movimenta voluptuosamente em balanços e volteios em torno de si e em unidade com o grupo traçando o desenho circular da roda.

Em unidade corpórea com toda a comunidade, a dança do caxambu cria um canal de comunicação, instrumento de espiritualidade entre mundos, referência entre o passado e o presente registrada na memória. Acompanhada de estéticas próprias, a performance da dança se modifica entre paços solistas no centro da roda, ou em paços comunitários rizomáticos que expressam e comunicam uma história de ancestralidade.⁹

⁹ Ligiéro, Z. (2011). Batucar-cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil. *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 21(1), 133–146. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.21.1.133-146>

A circularidade promovida pelo caxambu, envolve a vivência de um continuum, onde, o início e o fim se fundem, a malha dos mundos se dobram e o sentido espiritual e cultural se fazem um. Em sincronia com todos os elementos do rito, esta circularidade permitem a conexão com a cosmo percepção em África e simbolicamente expõe a sabedoria do bem-viver, em que cada ser vivente ou não, está ligado ao outro numa corrente infinita de sentidos, em que cada elemento existe em função do outro, participando assim à dinâmica do cosmo, em uma eterna procura e restabelecimento da harmonia¹⁰.

Caxambu: cultura de resistência

Praticada no Brasil há mais de três séculos, a expressão cultural afro-brasileira Caxambu surge no cenário contemporâneo como marca simbólica, ação de pertencimento e estratégia viva da memória coletiva do povo preto, a qual se constitui ferramenta de valorização dos laços identitários afro-brasileiros.

O Caxambu teve seu despertar político no final dos anos 1960, quando o Jongo da Serrinha irrompe os muros invisíveis da cultura brasileira e pelas mãos do mestre Darcy Monteiro, passa a transitar espaços até então proibidos para expressões culturais de matriz africana. Dos terreiros de casas de santo aos palcos teatrais do Rio de Janeiro, o Jongo da Serrinha abre caminho e dá passagem ao movimento em prol da visibilidade para a cultura afro-brasileira.¹¹ .

Tomados pela efervecência cultural, política e democrática da década de 1980 “frente a reabertura política, a reestruturação dos movimentos negros e o combate sistemático ao mito da democracia racial”¹² , e pela prerrogativa constitucional estabelecida no artigo 215¹³ da Carta Magna de 1988, observa-se uma aproximação

¹⁰ Barbara, 1999. p.151

¹¹ GANDRA, Edir. Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos. Rio de Janeiro. Giorgio Gráfica e Editora Ltda, 1995

¹² ABREU, Martha, ASSUNÇÃO, Matthias. Da cultura popular à cultura negra, 2018 p. 25

¹³ Artigo da Constituição Federativa do Brasil de 1988

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes grupos étnicos nacionais.

entre as comunidades jongueiras e caxambuzeiras do Rio de Janeiro e instituições acadêmicas, as quais intensificaram no ano de 1996¹⁴, ações e parcerias em projetos culturais, educacionais, sociais e políticos, elementos de fundamental importância para o fortalecimento do auto reconhecimento das comunidades. Tais ações fomentaram as discussões e reivindicações em prol do reconhecimento do “Jongo do Sudeste” como patrimônio imaterial brasileiro, concretizado no ano de 2005.

O reconhecimento do “Jongo do Sudeste” como patrimônio imaterial brasileiro constitui-se como elemento de vitória na luta do povo preto sobre as adversidades, e pode ser considerado como parte do grande movimento de contestação das homogeneizações pré estabelecidas historicamente pelo sistema mundo colonial moderno, no qual o Brasil se fundamenta e sua infame busca pelas unificações (das gramáticas, das religiões, dos comportamentos e das linguagens), que a séculos tem hierarquizado o pensamento. A resistência da diversidade cultural afro-brasileira contra a lógica binária de subalternização e desumanização do outro, se firma como elemento demarcador das várias racionalidades , das várias formas de sentir e compreender o mundo em constante movimento.

Assim, longe da dimensão cristalizadora apresentada nos estudos de base folclórica nos século XIX e início do século XX¹⁵, o uso do termo tradição utilizado na apresentação da expressão cultural caxambu, para além do “aspectos do comportamento, dos costumes e do ritual herdado das gerações anteriores”, se estrutura em um entendimento complexo do termo, que entende a tradição como uma dimensão plástica, ligada a fluidez da cultura, em contínuo processo de mudança, acompanhando a dinâmica da modernidade¹⁶.

¹⁴A data de 1996 refere-se ao movimento estabelecido pelas comunidades jongueiras do Rio de Janeiro com apoio da Universidade Federal Fluminense, que através de ações, pesquisas acadêmicas movimentaram politicamente as discussões e reivindicações da comunidade negra em prol do reconhecimento da tradição. Esse processo resultou no ano de 2005 o registro do Jongo do Sudeste no livro das Expressões do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sendo então reconhecido como um bem cultural do patrimônio imaterial do Brasil. Ver em MATTOS, Hebe; ABREU Martha. O mapa do jongo no século XXI e a presença do passado: patrimônio imaterial e a memória da África no antigo sudeste cafeeiro. In: REIS, Daniel Aarão (org). Tradições e modernidades. Rio de Janeiro: editora FGV, 2010.

¹⁵ O Folclorismo brasileiro foi um movimento forte entre os anos de 1947 e 1964, na busca da construção de uma ideia de nação a partir da integração cultural com trabalho de pesquisadores como Renato Almeida, Rossini Tavares de Lima, Artur Ramos, Luís da Câmara Cascudo e Edison Carneiro, entre outros. Ver ABREU, M e XAVIER, G org. Cultura negra vol. 1 : festas, carnavais e patrimônios negros – Niterói : Eduff, 2018. - 428 p.pg 18

¹⁶ CANCLINI N, 1982

A partir da compreensão da lógica do mundo moderno, entendemos que a tradição afro-brasileira Caxambu se configura em uma íntima relação entre o passado e presente, a qual no percurso da memória dos mestres e brincantes detentores do saber, ao reportar os laços ancestrais do rito performático do Caxambu, estabelecidos na dança, no som ritmado dos tambores e na palavra lançada, o diálogo entre a cosmopercepção em Africana e as experiências vividas pelos caxambuzeiros no presente, possibilitam a constituição de um futuro, onde o vir a ser se estabelece em uma eterna renovação.

Esta memória criada e retroalimentada na coletividade, de acordo com os estudos de Michael Pollak(1992), enquanto fenômeno social construído coletivamente é sujeita a adaptações e transformações constantes, a partir dos acontecimentos vividos, das pessoas e dos lugares, constituindo-se elemento vital no estabelecimento dos laços afetivos entre o grupo. Maurice Halbwachs(2006), ao se debruçar sobre os estudos da memória, comunga com a ideia de que o presente desencadeia o curso da memória ao afirmar que “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda dos dados emprestados do presente”¹⁷

Neste contexto, observa-se o papel da memória e das lembranças do passado ligados à ancestralidade africana, como elemento fundante para a constituição da expressão cultural do caxambu.

Ancestralidade e Caxambu

A expressão cultural afro-brasileira caxambu apresenta em seu rito performático, traços de uma ancestralidade latente, presente de forma individual nos elementos que compõem o rito e na essência da tradição, que pode ser descrita como uma ação coletiva da memória dos brincantes que, através de referências do passado dialogam com outros modos de ser, uma força ancestral que permite reconfigurar as lutas do presente.

"Esse pensamento da ancestralidade abre-se numa encruzilhada complexa, de encontros, reencontros, desencontros, de boas vindas, afirmações, negações e despedidas. Trata-se de uma encruzilhada das

¹⁷ HALBWASCHS 2006, p. 72

memórias vivas, trazidas de si, em nós, de nossos ancestrais, desde as trajetórias diversas que percorreram para que aqui (re)abertos estivéssemos." (OLIVEIRA, 2012).

Através das memórias individuais e coletivas reativadas na prática da tradição caxambuzeira, historiadores como Robert Slenes(2007), retornaram ao passado e desenvolveram discussões sobre a estreitamente relação da referida tradição com com práticas culturais existentes em África, principalmente aquelas ligadas a cultura dos povos de tronco linguístico Banto. O autor Slenes¹⁸ destaca o papel aglutinador do caxambu em sua prática de dança coletiva, a presença do fogo no aquecer das noites e na afinação dos tambores e dos pontos cantados na roda, todos elementos com grande similaridade com algumas práticas compreendidas no continente Africano.

É certo que, a cultura afro-brasileira forjou-se de uma complexa relação entre as memórias e vivências dos negros escravizados em África e trazidos para o Brasil em número de centenas e milhares, com as nuances de adaptações dos elementos culturais aqui já existentes, e nesse sentido não seria surpresa encontrar tais rastros de similaridade de forma individualizada.

Para este artigo, nos interessa a compreensão dos elementos do rito do caxambu em sua totalidade, onde cada elemento existe em função do outro, compreendendo ser esses elementos constituidores de uma essência cultural comum, os quais em suas raízes ancestrais dialogam com um fazer filosófico a partir da cosmopercepção em Africana.

Ao analisar a totalidade dos elementos do rito performático do caxambu é possível flertar com o conceito de ancestralidade, cerne da cosmologia em África e que se encontra presente na essência da tradição caxambuzeira. Tal análise nos possibilitará reconhecer a história de África no Brasil e a nossa própria realidade enquanto afro-brasileiros.

¹⁸ SLENES, Robert. "Eu Venho de Muito Longe, eu Venho Cavando": jongueiros cumba na senzala centro africana. In: LARA, Silvia; PACHECO, Gustavo (Org.). Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley Stein. Vassouras, 1940. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas: Cecult, 2007. p. 127-128.

Concepção filosófica da ancestralidade em África

Os estudos contemporâneos que versam sobre as epistemologias do sul global subalterno, têm apresentado um importante destaque para as questões acerca da Filosofia em África, suas epistemologias continentais e diaspóricas, partindo do entendimento de que a filosofia em África representa um plural de significados atravessados por sua corporalidade história, política, cultural e estética, pensamento que se amplia para além do estabelecido ocidentalmente como “disciplina de filosofia”¹⁹.

Sobre esse tema Mogobe Ramose, em seu texto “Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana”, expõe que:

a particularidade é um ponto de partida válido para a filosofia apenas se for reconhecida como um meio para compreender e interagir com a pluriversalidade do ser. Ao falar da particularidade, temos em mente aquilo que está incrustado na natureza e na cultura, revelando as características específicas, mas inter-relacionadas, que constituem a sua identidade. Isto significa que o conceito de filosofia seria indevidamente restritivo e cego se pretendesse excluir elementos da natureza, cultura, sexo, religião ou história. Do ponto de vista da pluriversalidade de ser, a filosofia é a multiplicidade das filosofias particulares vividas num dado ponto do tempo.(...) Assim, a filosofia Africana de fato existe com a competência para fazer reivindicações pluriversais. (RAMOSE, 2011, p.11-20)

Neste sentido, destacamos o caráter significativo da cultura como um dos eixos centrais da filosofia em África, pois, sendo fruto das experiências pluriversais compreende a realidade a partir das visões de mundo e das relações instituídas entre os seres da natureza, do cosmo e da existência humana. Wiredu (1980)²⁰ ao apresentar a filosofia africana de "pensamento de comunidade", transmitido por sabedorias ancestrais através da oralidade, reafirma o seu papel pluriversal possibilitado pelas várias formas de ver e estar no mundo.

Essa dinâmica nos remete à compreensão da força ancestral presente no contexto filosófico em África, o qual conduz um olhar especial para a coletividade e o respeito aos mais velhos. A sabedoria ancestral se apresenta assim na oralidade que alimenta as formas de pensar tomadas pelos mitos, os provérbios, os aforismos, os contos, as religiões e compõem os valores éticos que regulam os conflitos existentes na vida

¹⁹ Ver ORUKA, 2002.

²⁰ Ver os estudos de WIREDU, K sobre filosofia africana

cotidiana das sociedades e permitem o experienciar do equilíbrio das forças no ato de existir.²¹

Neste ponto, a reflexão filosófica se direciona para a compreensão do ser a partir do processo de unicidade, em um movimento perpétuo e universal de intercâmbio e compartilhamento das forças da vida. Aqui, é válido chamar a atenção para o aprofundamento de trabalhos que buscam desvelar as visões do ser em África, descritas por diferentes autores, conforme nos aponta Rodrigo Santos²²

Tempels apresenta a noção de ser como força vital para o bantu, é fácil ser induzido a afirmar sua semelhança com o àse dos yorùbá. Roger Bastide, reproduzindo a opinião de Maupoil, define o àse como a “força invisível, a força mágico-sagrada de toda divindade, de todo ser animado, de todas as coisas” (BASTIDE, 2001, p.77). Para Juana Elbein dos Santos, é a “força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir” (SANTOS, 2008, p.39). Muniz Sodré estabelece uma correspondência explícita entre o àse e a concepção elaborada por Tempels, afirmando que “os bantu também o têm como princípio essencial, designado pelo muntu” (SODRÉ, 2005, p.97).

Neste recorte, Rodrigo Santos expõe algumas visões sobre a compreensão do ser em África, as quais nos permitem traçar semelhanças na relação da força e do encantamento como inspirações formativas na constituição do ser. Tais reflexões filosóficas que partem da experiência do eu e do outro, do estar no mundo, do estar com a natureza e do estar consigo mesmo, engendrado a partir de cosmos percepções que se fundamentam na experiência ancestral de um corpo inteiro.

A ancestralidade, no contexto da filosofia em África, é compreendida como um princípio que opera na dinâmica relação do reconhecimento do eu e do outro no mundo e o quanto esses elementos estão conectados a partir de uma herança ancestral que vive em nossos corpos, em um saber que é incorporado, encarnado, um saber que é coletivo.²³

Ao descortinar as viseiras impostas pela herança do imperialismo eurocêntrico, o qual forçou o esquecimento do corpo na compreensão do todo que nos forma e produziu um discurso forjado na hierarquização da razão, enquanto instrumento do conhecimento, observa-se no contexto da cosmopercepção em África, epistemologias de se fundamentam na força da ancestralidade enquanto saber encarnado,

²¹ Ver CUNHA JÚNIOR, H. 2010, p.81-82

²²Ver Rodrigo Santos e seu trabalho sobre a filosofia e etnofilosofia em África a partir dos estudos de Paulin Hountondji.

²³ Idem 22

experiência do corpo como um constructo social, cultural, político, ancestral e que se faz presente na produção de conhecimento.²⁴

Eduardo Oliveira, ao conceituar seu entendimento sobre a filosofia da ancestralidade, expõe a impossibilidade do conhecimento sem corpo, visto que somos integrados, corpo espírito, razão e desejo, emoção e pensamento, singular e coletivo, e dessa forma somos no presente aquilo que já fomos e o que nos faz o vir a ser, marcas de nossa ancestralidade.

Henrique Cunha Júnior, ao abordar a cultura e o pensamento das sociedades bantus e sua filosofia coletiva do Ntu - o qual designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer, nos orienta sobre a visão integradora do ser ancestral

Todos os elementos da "natureza, o meio ambiente, a localidade, a comunidade ou os lugares na sua complexidade ou integralidade fazem parte do ancestral, Na ancestralidade reside a definição de uma família, de grupos locais, de etnias e de povos africanos. Os ancestrais são importantes tanto para a construção da identidade como da territorialidade dos diversos povos africanos e de africanos na diáspora. Estes ancestrais mais antigos fazem a ligação entre o mundo visível e invisível... Da ancestralidade implica também uma visão sobre a morte, como continuidade da vida inteligente no mundo invisível e o ressurgimento desta noutra vida corpórea no mundo visível. (CUNHA JR, 2010 - P.82)

Ou seja, a ancestralidade é a força potencializadora que dá autoridade ao coletivo e tem na voz dos mais velhos, detentores do saber ancestral adquirido pela experiência prática do viver, a lógica do tempo presente. Tempo este formado da completude do que vem a ser sankofa - olhar o passado para construir o futuro. Longe de ser um olhar para o passado na perspectiva de um saudosismo engessamento da tradição, a ancestralidade é o embasamento, o lastro que mantém a estabilidade e nos permite enfrentar as experiências e tensões do tempo presente.

Assim, características da ancestralidade presentes na concepção de mundo em África, guardadas nas memórias do povo preto desenraizados de seu território em diáspora, atravessaram o atlântico e constituíram novos modos de ser e viver e são experienciadas na construção da identidade afro-brasileira.

Muniz Sodré²⁵, ao esmiuçar as cosmologias do pensamento Nagô nos terreiros de candomblé, classifica como arkhé, culturas que se fundamentam na ancestralidade.

²⁴ Ver Eduardo Oliveira " A ancestralidade na encruzilhada 2007

²⁵ Ver os estudos de Muniz Sodré sobre os terreiros de candomblé e o pensar nagô

Estas percebem o ancestral como o “eterno impulso inaugural da força de continuidade do grupo. A arkhé está no passado e no futuro, é tanto origem como destino”²⁶. Tal visão, proposta por Muniz Sodré, permite estabelecer a ancestralidade como uma continuidade entre deuses, ancestrais e descendentes, continuidade essa que se manifesta através dos elementos constituintes da cultura e em seu território, que marcam a identidade do grupo. Em diáspora, a ancestralidade assenta-se em espaços simbólicos e identitários, caracterizados pelo grupo a partir de seu poder mítico de origem.

Observa-se na cultura afro-brasileira, que a ancestralidade constitui espaço de pertencimento identitário e compõe o atual cenário cultural e religioso de tradição centrado em uma memória mítica a partir da cosmo percepção em uma África que habita em nós. Esta memória de África, diante do esfacelamento dos laços familiares e da desterritorialização na barbárie da escravidão, foi reinventada criativamente, à partir dos enfrentamentos vividos pelo povo preto que no Brasil, buscou novas formas de socialização, preservação de uma origem mítica e se fortaleceu comunitariamente. Esse povo se reconfigurou a partir de um corpo que se mostra presente e vivo, um corpo sujeito, que dialoga com si, com o outro e com o espaço, em uma experiência coletiva no diálogo entre o sagrado e o profano, nos ritos religiosos e nas performances culturais.

Ousamos pensar a expressão cultural afro-brasileira caxambu em sua complexa relação entre os elementos performáticos do caxambu e a ancestralidade advinda da memória e da herança da cosmopercepção em África. A dinâmica cognitiva expressa na performance do caxambu se baseia na corporeidade experienciada pelo diálogo entre as batidas do tambor e o bailar dos corpos na roda. Assim, o caxambu se faz território cultural coletivo de alteridade, marcas da ancestralidade de um corpo negro que sistematiza, realiza críticas e propõe reflexões para a nossa existência individual e coletiva.

Considerações Finais

²⁶ Sodré, M, 1988, p.153

Ao abordar a expressão cultural caxambu na perspectiva da ancestralidade advinda dos fundamentos da cosmo percepção em África, o artigo abre um importante espaço de reflexão crítica sobre o pensamento hegemônico e as epistemologias validadas pelo pensamento racional do sistema mundo moderno, o qual propõe o apagamento completo do corpo e a inferiorização das culturas do sul global.

O caxambu enquanto expressão cultural afro-brasileira se faz resistência e se afirma como conhecimento encarnado, marcas de um saber embasado na cosmopercepção de uma África reinventada pelo povo preto em diáspora no Brasil. Sua dinâmica performática alinha o pensamento ancestral de África e reconfigura essa memória a partir da compreensão das experiências vividas na coletividade através da circularidade da roda, do protagonismo dos corpos dos brincantes caxambuzeiros em movimento e das ligações místicas com o entre mundos, a partir do ressoar frenético dos tambores.

Essa complexa relação apreendida no rito do caxambu, nos permite experienciar a ancestralidade a partir da ligação entre o presente e o passado na constituição do futuro em um vir a ser. Tais ações experienciadas no rito performático do caxambu, expõem cotidianamente o movimento de resistência e (re) existência da tradição cultural afro-brasileira, frente a luta social e política contra o epistemicídio e a negação dos saberes afro-brasileiros.

Compreender a tradição afro-brasileira e seu processo filosófico na constituição de saberes culturais e ancestralidade presente na diáspora, a partir da expressão cultural caxambu nos permite fortalecer o movimento de identidade, pertencimento e valorização das tradições que compõem o universo cultural afro-brasileiro, enquanto ferramenta contra o preconceito e o racismo estrutural no Brasil, que legitima os abusos sofridos pela população preta no país. Tal qual o ponto cantado nas rodas de caxambu, que apresenta em sua essência a ligação mística ancestral de ligação entre o passado e o presente, “Segura na poeira, segura na poeira; Minha mãe morreu no sábado, eu nasci segunda-feira”, abordar sobre a expressão cultural do caxambu, como possibilidade de reflexão do saber ancestral afro-brasileiro é abrir caminho para

que novas velhas formas de estar e habitar em um mundo possam existir e se valer como ferramenta para uma sociedade antirracista.

Referências

ABREU, Martha e XAVIER, Giovana org. **Cultura negra vol. 1: festas, carnavais e patrimônios negros** – Niterói : Eduff, 2018. - 428 p.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Las culturas populares en el capitalismo**. México, DF: Nueva, Imagen, 1989. 1. ed. 1982

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTIANO, José P. **Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjectivação**. Moçambique. Sociedade Editorial Ndjira, Lta, 2010.

CUNHA JR, Henrique. **NTU**. Revista Espaço Acadêmico, n.108, maio, 2010.

GANDRA, Edir. **Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos**. Rio de Janeiro: GGE – Giorgio Gráfica e Editora / UNI-RIO, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro: 2006

MARDGAN, Jacyara C.R; SILVA, Larissa de Albuquerque. **O reco(a)ntar de várias memórias em uma só entoada: o caxambu das andorinhas (Jerônimo Monteiro)**. In: GUIMARÃES, Aissa Afonso : OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. (Org.). **Jongos e Caxambu: cultura afro-brasileiras no Espírito Santo**. PROEX/UFES: Vitória, 2018, p.155 – 166.

_____. **Caxambu do Horizonte a Andorinha : memória e pertencimento da cultura negra**. Orientadora Aissa Afonso Guimarães. 2017. 280f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Arte), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia da educação brasileira**. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

ORUKA, H. Odera. **Quatro tendências da atual Filosofia Africana**. Tradução para uso didático de ORUKA, H. Odera. Four trends in current African philosophy. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 120-124, por Sally Barcelos Melo.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

RAMOSE, M. B. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana**. On the legitimacy and study of African Philosophy. Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011

SANTOS, Rodrigo do. **Filosofia africana e etnofilosofia: Uma abordagem da concepção de Paulin Hountondji a partir do baraperspectivismo**. Revista DasQuestões,n#4, ago/set 2016, P. 76-110

SLENES, Robert. **“Eu Venho de Muito Longe, eu Venho Cavando”:** **jongueiros cumba na senzala centro africana**. In: LARA, Sílvia; PACHECO, Gustavo (Org.). Memória do Jongô: as gravações históricas de Stanley Stein. Vassouras, 1940. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas: Cecult, 2007. p. 127-128.

SODRÉ, Muniz: **O Terreiro e a Cidade**. Petrópolis-RJ, Ed.Vozes Ltda, 1988.

_____ : Pensar nagô. Petrópolis-RJ: Ed.Vozes Ltda, 2017.

WIREDU, K. **Philosophy and an African Culture**, Cambridge University Press, 1980.